

ASSUNTO DESCONHECIDO

Luana Navarro e Ronie Rodrigues



ASSUNTO DESCONHECIDO

Luana Navarro e Ronie Rodrigues

2015

depois de me debruçar sobre alguns trabalhos que venho desenvolvendo ao longo desses anos me deu vontade de retomar uma conversa com você por aqui. Lembro neste momento das escritas afetivas de Hélió e Lygia.

Eu quero dançar e você dança. Às vezes acho que você quer fazer imagem, e eu cansei de fazer imagens.

Para mim a dança é o máximo da explosão de um corpo e penso qualquer dança mesmo, as de boates, as de bodas de ouro, dança contemporânea, ou ainda aquelas em que não podemos ver o movimento, mas onde sim há coisa se movendo.

Em 2012 a partir de uma fotografia minha você escreveu:

Cavo buraco-pele que se prostra branca cal ressecada. Deito-me sob uma cidade de pedra. Deito-me sobre britas e afundo-me sobre areia que violenta-me. Escavo espaços em mim/em ti/na terra.

Pele é fronteira do corpo.

Ossos não cimentam uma existência. Osso é suporte. Se não suporte, habito em terra estrangeira. Atravesso-me desejos. Festejo mortes. Ofereço-te fantasmas.

Em breve embarcaremos os dois. Você em direção a um amor e eu em direção ao trabalho. Esse trabalho e essa foto que gerou tuas palavras serão expostos. Eu sinto também que estou indo em direção a um amor.

Ambos novamente nisso que é estar estrangeiro, sinto que somos dois moventes.

>

Não sei por onde começar, pois tantas coisas me atravessam nesse momento. Voltemos a falar de um corpo sem

sinônimo. Voltemos a falar de porco, de corpo, de pouco.
De amor.

Tudo é tão pouco, tão porco, tão corpo.
Tudo é tão brega.

Ontem vi o filme *Vou rifar meu coração*. Achei lindo. Achei lindo e triste o prefeito que tenta viver com duas famílias. Achei lindo e triste ver a travesti entrar num caminhão.

Para onde ela vai?

Indo no puteiro em Manaus pensei que o *Cachaça sem rótulo* fala sobre prostituição também. A prostituição me instiga.

Não sei o que dançar mais depois do *Cachaça*. Penso em imagens. Hoje depois da aula de yoga pensei que queria me mover a partir de imagens de gibis da Turma da Mônica. (risos). As imagens me fazem me mover, assim como as palavras.

Adoraria que você me mandasse uma outra fotografia por e-mail. Adoraria te ver dançar.

>

Logo que comecei a fotografar fui até aquela sauna/puteiro que havia na rua 13 de Maio. Lembra dela? Ela foi recentemente destruída e virou um estacionamento. Eu, sem

experiência nenhuma em abordagem documental, passei lá um dia pela tarde e entrei com minha câmera.

Meu desejo era fotografar as mulheres, em geral mais velhas. A maior parte delas ficava também no Passeio Público e acabava levando os clientes ali para sauna que tinha uma série quartos. Lembro que uma delas chegou com uma sacola do Mercadorama. Ela contou que tinha família e que saía todos os dias dizendo que ia trabalhar em uma loja, mas ia para o Passeio Público. Fiquei meio deprimida ao ver a sacola. As filas nesses mercados são sempre tão longas e em geral os congelados estão quase estragados.

Naquele dia, no primeiro dia, acho que a Lê me acompanhava. Eu levei na mochila um livro chamado *1.000 Nudes*. Ficamos eu, a Lê e umas três mulheres conversando no balcão. Pedi uma cerveja. Demos muitas risadas olhando todas aquelas fotografias, acho que haviam homens nus no livro também. Dessa minha tentativa de fazer fotografias delas e desse lugar, só ficou umas fotos de alguns quartos. Eu não fotografei nenhuma das mulheres. Acho que o melhor foi dar risada com elas no balcão. Havia uma senhora bem velhinha que morava na parte debaixo da sauna. Ela não falou nada a tarde inteira, mas ficou bem próxima acompanhando a conversa e de vez em quando ria de uma coisa ou outra.

Fiquei pensando se é possível uma dança ser violenta. Acho que nessa sauna tinha uma barra de *Pole Dance*. Sobre o filme *Vou rifar meu coração ...* gosto muito dele tam-

bém, mas o acho violento e agora mesmo estou quase terminando de rifar dois trabalhos para poder viajar para minha exposição em Madri. São duas fotografias que estou rifando. Uma delas é meu corpo com um rasgo no peito, a outra uma amiga de costas com a cidade projetada sobre seu corpo.

Cidade, corpo, violência, imagem, tudo tão ali colado. Seu trabalho para mim quase sempre tem também qualquer coisa de violência. O *Cachaça* pode ser muito violento. Lembro de um trabalho seu no qual você usava roupa de lutador de box, lembro da sensação de violência. Ainda que tentemos ter humor em nossas últimas proposições, será que não estamos o tempo todo sendo impulsionados por um corpo violência, um corpo que sofre violências discursivas, cotidianas, imagéticas, que pode também ser violento em suas reações, fricções, relações, afetos ?

>

Logo que li seu e-mail meu impulso foi de respondê-lo diretamente, como sempre costumo fazer com os e-mails e com a vida. Resolvi suspendê-lo. Tenho tentado fazer isso com algumas coisas e reações que tenho na vida. Suspende um pouco antes de reagir. Suspende o tempo necessário para digerir/entender/respirar, colocar algumas dessas / / /.

Faz dois dias que li sua carta. Pensei em relê-la agora para poder responder suas perguntas, mas prefiro não.

Prefiro ficar com a imagem dessa sauna velha, que não sabia que não existia mais. Prefiro discutir e falar sobre as perguntas que você me lançou sem saber se são realmente suas questões, ou pretextos para falar dos meus incômodos.

Prefiro a ficção. Preferimos a fricção.

Sim, é possível uma dança - violência. Como não produzir uma dança que seja violenta vivendo e tendo crescido no Brasil? Como não dançar violentamente depois de ver e presenciar o que aconteceu com os professores no nosso estado? Como não dançar violentamente depois de ter levado uma garrafada (naquele assalto que eu vivi) e ter 7 pontos na cabeça?

Como não dançar violentamente depois de uma separação amorosa?

Conversei com a Josie essa semana, e ela comentou sobre a lista de livros que fiz para um jornal de Manaus e segundo ela todos os meus livros preferidos são tristes. Achei estranho e curioso o comentário dela, e nessa mesma conversa disse a ela que toda literatura era triste, feita de tristezas. Ela me disse que não, que alguns livros são bobos.

Penso a mesma coisa da dança. Toda dança é violenta, as que não são violentas, são bobas. A bobeira pode ser também violenta e preciosa. Adoro falar, fazer bobeira, besteira.

Ontem lendo Manoel de Barros no ônibus me deparei com essa preciosidade aqui ó:

*...Se digo ainda que é mais feliz quem descobre o que não presta do quem descobre o ouro -
Penso que ainda assim não serei atingido pela bobagem.*

Para mim, o *Cachaça* é violento e bobo. Ele é feito de tristezas também. Aliás, minha grande questão nesse momento com a Glá é o que dançar depois do *Cachaça*? Algo (espero) surgir dessa pergunta.

Vejo muita violência também nos seus trabalhos. Lembro-me daquele espelho rachado enorme no Solar do Barão, o canto da mulher mexicana, seu corpo nu em diversos lugares, aquilo que sou e não digo que sou. Seu trabalho também para mim fala do mínimo, do micro. *Micro-resistências* poderia se tonar Mínimas danças, não acha? Micro danças como micro resistências.

Quando digo micro não significa necessariamente algo pequeno. Te vejo nua movendo-se por um tempo pequeno em lugares diversos. Um trabalho em vídeo talvez? Dance, porque essa vida é curta gata e se é esse seu desejo. Dance, mas dance o que é possível, mesmo tocando impossibilidades.

>

Sim meu querido, são pretextos, pré-textos de muitas coi-

sas que virão.

s.m. Justificativa apresentada para omitir os reais motivos de (alguma coisa) ou para se esquivar de possíveis explicações sobre as razões de algo; subterfúgio, desculpa.

A pretexto de. Com o fim aparente de; sob a desculpa de: a pretexto de buscar seu corpo, encontrou quem procurava. (Etm. do latim: praetextus)

Estou lendo uma série de entrevistas com o Paul Zumthor, ele, um cara que viveu em constante deslocamento e em constante processo de escrita se pergunta: *não há uma ligação direta entre viagem e ficção?*

Me faço uma pergunta boba: o que fazemos não é sempre uma ficção? Todas essas nossas escritas são ficções disso tudo que nos atinge? Disso tudo que atingimos? Inevitável não levar agora isso também para o corpo, o corpo não seria nossa maior ficção? O corpo não seria nossa narrativa constante? Percebemos o mundo pelo corpo e como diz Zumthor *todos nós percebemos nossa vida através de uma ficção e essa ficção é nossa vida.*

Ficção e realidade não me parecem mais avessos.

Vejo a sua foto, a Neide em frente aos policiais fazendo um espacato, há quem defenderia essa imagem, a fotografia, como uma ficção, essa imagem para mim é concreta. Ontem me contaram que passaram pela Av. Cândido de

Abreu e viram essa imagem/lambe na rua e ela só tinha rasgos no seu corpo, os policiais estavam intactos. Era o seu corpoNeide dilacerado. Alguém que passava por ali agrediu a imagem, por raiva, por desejo, por medo, por prazer... Alguém que passava por ali queria agredir um corpo concreto?

Na semana passada, durante a oficina de corpo com a Cinthia Kunifas, após alguns exercícios senti minhas mãos extremamente pesadas e fiquei com essa imagem, eu de mãos grandes, não eram mãos inchadas, mas grandes. Saí de lá me sentindo mais alta.

O lugar em que estou é sempre outra parte / O corpo que sou está/é sempre outra coisa.

Comentas de um trabalho em vídeo, mas sinto a necessidade da presença do corpo, honestamente exposto diante/com o outro.

>

Sua pergunta não é nada boba. Estamos sempre fazendo ficção, e que bonito isso de pensar a(s) viagens como ficções.

Confesso que tenho medo de partir. Dia 4 de junho, se conseguir meu visto, atravessarei mais uma vez o oceano. Você me diz que parto em direção a um amor. Parto por alguns amores.

Parto.

a pretexto de buscar seu corpo, **encontrou** quem procurava.

Me pergunto se eu tenho o que responder a sua carta. Me pergunto se não estaríamos nos tornando confessionais demais, se não estaríamos indo longe, se não estou sendo superficial demais, se não estaríamos sendo exageradamente epistolares.

E se eu te enviasse ao invés de uma carta, uma pistola?
Você já pensou alguma vez em matar alguém?

E em se **matar**?

, não quero mais usar a palavra corpo em nossas correspondências. Tentarei ao máximo buscar um sinônimo ou antônimo para me referir a isso que não se sinonimiza (existe será esse verbo?)

a pretexto de buscar seu corpo, encontrou quem procurava.

Compreendo seu desejo de se colocar e expor-se diante do outro. No meu inventário de medos, um deles é perder essa coragem ou não conseguir (por falta de possibilidade, de invenção ou de trabalho) colocar meu **corpo** diante do outro.

Tenho medo de não mais produzir. Tenho medo da superficialidade.

As palavras me saem truncadas hoje. Sinto vontade de chorar. Não consigo continuar mais. Paro por aqui.

Te envio essa musica

<https://www.youtube.com/watch?v=0x7pTqX2ZFU>

a pretexto de buscar seu corpo,
encontrou quem procurava.

>





mesmo assunto

sim.

não<>sim.

O meu inventário do medo comporta o esfacelamento da carne. A mulher empedrada. A mulher que segura a toalha. A mulher que pari.

~~Vamos dissolver os remetentes e escrever como destinatários.~~

Partirei amanhã e penso no prazer de um corpo que viaja. Um corpo que viaja produz em si fissuras para receber o outro, para ser recebido pelo outro.

O que fica de fora de uma mala?

Um corpo que viaja leva apenas o que pode carregar?

Um corpo que viaja é um corpo do contágio, que assume o risco, que assume o medo.

O presente é o estado de nosso corpo (L. Cardim sobre Bergson). O ~~corpo~~ que viaja ao desconhecido não é capaz de projetar?

Caminhar no meio-fio.

Um corpo que viaja é um corpo caminho.

Pausa.

10 dias.

Pausa.

15 dias.

Não existem pausas. A velha pergunta agora feita por uma criança no interior de um ônibus: *quanto tempo falta para chegar?*

O corpo que viaja é o corpo da espera.

Antes de nascer conhecíamos a espera.

Um corpo gestado é um corpo da espera.

Quando é que o tempo se instaura no corpo?

O corpo é tempo e espaço, o corpo caminho, corpo viagem é tempo espaço/espasmo.

O é

O ou

O era

O será

O foi

O está

O. O. O O. O = o

Amo agora, e meu corpo passa a ser também esse outro corpo pouco distante de mim no prazer.



(sem assunto)

Querida Luana,

Escrevo sem destinatário, mas não deixo de escrever para você. Escrevo de costas para o mar, num caderno cor de **rosa** e com a letra muito pequena.

Barthes gostava de escrever com letras minúsculas em seus rascunhos, pois pensava ser uma forma de perceber o movimento de seu pensamento. Gostaria de poder reler sua última carta, mas estou longe de meu computador.

Estou de costas para o mar e revejo meu inventário de pequenas coragens.

E se não falássemos mais sobre medos?

Vi hoje um vídeo de uma foca que abraçou um caçador de patos e não sei porque pensei também em você. O que isso teria a ver com seu/nosso inventário?

Do inventário de pequenas coragens:

Fazer curva de olhos fechados.

Cruzar um oceano.

Não saber sobre a duração do amor.

Ousar riscar o espaço com isso que chamamos de voz.

Recomeçar uma história. Inventar uma história. Acabar uma história.

Travestir-se de homem, de mulher e de foca.

Ontem conversamos um pouco sobre honestidade intelectual, referências e citação e por isso não posso deixar de citar e referenciar o MAR (2015)¹. Sua voz (a do mar) invade-me completamente e não se trata de poesia. Falo sobre geografia amorosa.

Anteontem começou o verão por aqui Você começou o seu inverno –

DIGRESSÃO 1

Caso dia 8 de agosto. Mês das noivas, do cachorro louco, do desgosto. Não sou supersticioso.

DIGRESSÃO 2.

Sua imagem, feita pela Jana na qual você segura uma xícara com o céu azul de fundo me tocou bastante, e nem sei porquê. Você parece-me feliz e cansada, enquanto percebo a paixão voyer e quase narcísica daquela que fotografa e publica. Você está cansada de que afinal?

O céu está azul todos os dias em Montpellier, e eu que adoro o cinza do céu de Curitiba, começo a aprender a amar o azul claro.

Estou lendo um artigo interessantíssimo sobre *strip-tease*

¹ Mar da praia de Maguelone em Montpellier (sul da França) às 18h, 23/06/2015.

e pensando sobre seu/nosso interesse pela palavra fiquei imaginando como seria um *strep-tease* em leitura. Como se faz um *strip* enquanto se lê. A forma como você tira o relógio para iniciar suas leituras seria um *strip*?

Giorgia me contou ontem que o verbo *to tease* significa provocar, mas que pode significar também atormentar, ridicularizar, atentar.

O que você pretende atormentar?



Dos desesperos calculados:

Fazer poesia com o que é possível.

**Escrever num pequeno caderno rosa na esperança de
Retirar todo o cinza da retina.**

Dançar numa sala pequena.

Fazer uma prece enquanto se faz espuma no banho.

Quanto tempo falta para chegar?

**Falar a quantia de línguas possível até conseguir inven-
tar novas palavras.**

Utilizar versos, rastros, panos.

Fugir.

Terminar um livro.

Fazer uma curva de olhos fechados.

Não deixar o estômago pesar mais que duas pedras pequenas.

Dizer amém.



mesmo assunto

Retomo

Caminhar pela cidade tocando os pés apenas nos meios fios.

Cruzar as ruas sendo carregada.

Dar voltas e voltas em uma única quadra.

Dia 09 de agosto é meu aniversário.

Agosto é mês do desgosto, pela tradição por aqui, melhor não casar nesse mês, ou pelo menos melhor não casar no Brasil.

Quando tiro o relógio, quando tiro os sapatos não faço *strip-tease*.

Pensei num *strip-tease da voz*. Como fazer *strip-tease* com a voz? *Strip tease* é uma dança, não é mesmo? Como seria uma dança da voz?

Minha voz oscilava e eu sentia a mandíbula tremer.

Era como no sono e o bruxismo que me acompanha há tantos anos. Tenho frequentemente dado gargalhadas enquanto durmo.

Sinto nossa conversa com voz em registro de peito e cabeça. É preciso encontrar cada espaço nesse crânio, é preciso deixar o ar tocar cada pedacinho, cada ossinho.

1 –

*veja como saem os
movimentos e as feições.*

2 –

eles devem ter bastante leveza

3 –

Comece

4 –

Olhe fixamente

e depois desvie o olhar.

5 –

6 –

Leve uma

mão até a nuca

7 – Tire os sapatos.

8 –

Vire-se de costas

9 –

sem

perder o contato visual.

10 –

veja seu corpo

Agora

Tempo _ há um ano deixei de usar relógio
Espaço _ há um ano prometi a mim mesma que não usaria
mais tênis *All Star*

Tirar o relógio e os sapatos tem a ver com isso, desconexão com o tempo e conexão com o espaço.

Certa vez na Casa Hoffman um senhor japonês entrou na sala e pediu para fotografar os pés de algumas pessoas que estavam ali dançando. Esse japonês colecionava imagens de pés, segundo ele, era possível pelas linhas dos pés identificar as características de cada pessoa.

Ontem, me dei conta que só posso emitir uma voz que ressoe fortemente se tiver os pés aterrados, se compreender o que é esse centro do corpo, e tanta gente fala sobre isso, né? O tal do centro do corpo, energia vital, ki e tantos outros nomes.

Em *Samambaia* a Gladis ironicamente convidava o público a uma pequena experiência, você lembra disso? Ela dizia: *a gente não tá nem na frente e nem atrás, a gente tá no meio. Ache o seu meio. Achou? Agora dilata esse meio, expande esse meio para todas as direções, relaxa a testa, dilatando, as bochechas, relaxa. Chegamos? Agora sai de você e veja você nessa posição, fora dessa posição.*

E se ao invés da estabilidade, da firmeza desse centro, buscássemos a instabilidade da borda? O corpo tem borda? A voz tem borda? O texto tem borda? Uma conversa pode

ter borda? Comer pelas bordas. Borda recheada com catupiry. Borda da piscina. (Foi muito bom aprender a ficar em pé na borda e ter coragem para saltar e mergulhar)

Esta carta tem como trilha sonora barulho de carro e o canto dos pássaros² do centro da cidade, que ainda hoje não sei se cantam nesse horário por fome ou para comunicar alguma coisa boa.

² Passáros da região central de Curitiba. Terça-feira 10h35 da manhã 07/07/2015. As aves que circulam nessa região têm o Passeio Público como ponto de parada entre o trajeto Margem Oeste da cidade / Rio Passaúna e leste Pinhais e Piraquara direção Serra do Mar.

E se sua resposta for o silêncio desses dias ?
Me debruço sobre Barthes e penso em nossa escrita.
Depois do centro do corpo a ideia de uma margem da escrita tem pulsado.

O que você deixa de me escrever? Não estaríamos interessados justamente nisso que não escrevemos um ao outro?

Lia agora o que te envio abaixo e penso em ti, penso nós, penso na Neide, e no dia que raspei o buço. O buço que é a margem da boca.

Não se trata do prazer do strip-tease corporal ou do suspense narrativo. Em ambos os casos, não há rasgão, não há margens, há uma revelação progressiva: toda a excitação se refugia na esperança de ver o sexo (sonho de colegial) ou de conhecer o fim da história (satisfação romanesca). Paradoxalmente (visto que é de consumo de massas), é um prazer bem mais intelectual do que o outro: prazer edipiano (desnudar, saber, conhecer a origem e o fim), se é verdade que todo relato (toda revelação da verdade) é uma encenação do Pai (ausente, oculto ou hipostasiado) – o que explicaria a solidariedade das formas narrativas, das estruturas familiares e das proibições de nudez, todas reunidas, entre nós, no mito de Noé coberto pelos filhos.

Te tenho ainda uma pergunta: como se tira alguém para dançar?

>

Tantas coisas aconteceram desde seu ultimo e-mail (7 de julho/aniversário de sua irmã) que tentarei partir das suas perguntas.

Mudo. de assunto. pois. a. voz. me .assusta.

MUDO.

Como seria um strip-tease da voz?

A voz para mim já se apresenta nua. E ela que nos expõe ao mundo. Nunca gostei de ouvir minha voz. O choro, o gozo e o riso talvez sejam nossos registros mais sinceros de voz. Quase morri de soluço ao chegar aqui, onde estou.

Não gostaria de justificar meu silêncio, mas falar sobre ele talvez nos leve a algum lugar. Primeiro, obrigado por me ajudar a escrever; Obrigado por provocar minha fala. Não posso te dizer sobre o que te deixei de escrever, mas posso citar o que tem impedido minha escrita:

- o calor de mais de 35 graus
- Schopenhauer in *A arte de escrever*
- o tamanho minúsculo de meu apartamento
- minha internet lenta
- os preparativos para minha festa de casamento
- meu trabalho na escola
- meu corpo cansado
- um livro de troca de e mails entre dois coreógrafos franceses (Jerome Bel et Boris Charmatz)

Tenho lido mais do que escrito; Alias, sempre gostei muito mais de ler do que escrever e eis que semana passada me deparo com esse parágrafo em *A Arte de escrever*:

"E justamente por isso que não se deve ler demais, para que o espirito não se acostume com a substituição e desaprenda a pensar, ou seja, para que ele não se acostume com trilhas já percorridas e para que o passo de pensamento alheio não provoque uma estranheza em relação a nosso próprio modo de andar."

SURDO

Como se tira alguém para dançar?

Pelas mãos, pelos dentes ou pelo olhar. Se for pelas mãos que seja delicado, mas não solene. Se for pelos dentes, que tenha a potência de uma mordida e a delicadeza de um sorriso. Se for pelo olhar, que tenha humor e espaço para o não. Em último caso use a palavra escrita. Apenas fale em caso de desejo. Sobretudo, não seja solene.

Acabei de assistir um trabalho de dança aqui no Festival de Avignon e ai como a dança pode ser (e tem estado) chata. Quanta solenidade. Que falta de humor. Por que os museus são assim também? Sempre solenes e mau humorados? Por que tantos "não tocar na obra"?

E se falássemos mais de Lygia e de Hélio?

E se falássemos sobre o que pode ser tocado?

Durante os 90 minutos desse espetáculo (*Monumento 0*, de Esther Salomon) a coisa mais interessante foi o celular de uma pessoa que tocou e o constrangimento de sua mulher diante os olhos reprovativos das pessoas ao redor. Pelo menos algo vibrou aqui, pensei, enquanto me esforçava para não dormir.

Quando falo de solenidade, não estou pensando e criticando o espaço silencioso ou a alteração de tempo que tanto os museus quanto algumas obras em dança podem criar. Solenidade é segundo o dicionário, e compartilho dessa definição, o conjunto de regras ou formalidades que validam ou legitimam um ato; pedantismo; excesso de ênfase, de afetação.

CEGO

Voltando a Shopenhauer:

“o segredo para ser entediante é dizer tudo”

Estou com sono. Meus olhos pesam o sol estalados dos dias daqui. Não vejo chuva há mais de trinta dias. Sinto saudades da chuva de Curitiba. Sonho às vezes com a cor cinza.

18.07.2015

Avignon, França.

- falar inglês
- conhecer alguns países da América do sul
- dançar um trabalho chamado Pão com Linguença
- ver a passagem do tempo ao lado de meu marido
- conhecer Tokio
- ler Grande Sertão Veredas
- esquecer
- fazer uma viagem de bicicleta
- conhecer novas comidas, novas bebidas
- publicar algo de meus escritos
- ...
- ...
- ...
- ...
- esquecer
- recomençar
- mudar de assunto

>

Comecei a te escrever semana passada e começava assim:

balões murchos / corpos murchos / corte de cabelo murchos /

Cortei meu cabelo e ao descrever para alguém como iria cortá-lo disse que queria um corte murchos. Coincidência ou não me deparei com uma obra no Solar do Barão chamada *Fim de Festa*, dezenas de balões murchos, mas cheios com gesso, preenchimento do vazio, volume do

vazio. A artista, Isabelle Mesquita fotografou dezenas de balões murchos que ela foi encontrando pela cidade, principalmente nos sábados e domingos próximos a locais de festas. A partir dessas imagens ela criou esse trabalho, es-cultura/intervenção. Achei irônico e bem humorado.

As aberturas de exposições são sempre tão caretas, o início já parece um final de festa, a Lê costumava dizer que toda abertura tem um quê de velório.

E ... corpos murchos não me lembro mais porquê.

Te escrevo hoje, 28 de julho com o nariz entupido e com a dor na costela que segue insistentemente. Quase não dormi porque não encontro posição. Você já teve dor na costela?

Farei 30 anos na semana que vem e hoje me sinto velha. Velha e triste.

Não li sua lista sobre coisas para se fazer antes de morrer para elaborar a minha sem ser tocada pela sua. Inevitavelmente lembrei de outras listas:

A da semana:

- reunião L.
- comprar vitamina
- escrever contador
- texto táticas
- projeto núcleo
- orçamento balas

- aluguel floripa
- pegar Nina

A que fiz com outro alguém:

- ir a Paris
 - ter uma biblioteca/videoteca/cdteca bem legal
 - conhecer as muralhas da China
 - cuidar uma da outra
- ...

tinham outras coisas nesta lista, mas não me lembro mais. Talvez houvesse o desejo de ter filhos, mas acho que não era meu. Não lembro mais dos outros itens, mas a lista foi escrita em um papel rosa que carreguei durante muito tempo na carteira, talvez eu até a tenha guardada, mas hoje tenho preguiça de procurá-la. Ela foi escrita durante um café que tomamos no Metrópolis que ficava bem perto da rua XV. Acho que esse café também não existe mais.

Quando é que uma lista deixa de existir?

Sobre a lista de coisas para se fazer antes de morrer, não sei se quero fazê-la hoje. Foi difícil entender no corpo que a gente morre mesmo e que algumas coisas não serão feitas, vistas, lidas, sentidas, faladas, escutadas. Não quero então pensar nessa lista, pelo menos não hoje.

Houve um tempo que me angustiava pensar nos livros que não conseguirei ler antes de morrer. Isso tem tudo a ver com seu desejo de ler o *Grande Sertão Veredas*.

Um pouco sobre isso, acabo de ler o *Bonsai* de Alejandro Zambra, um romance de 40 páginas tão bonito e sutil, sobre separação, literatura, delicadeza. Gostei tanto que hoje mesmo comprei dois outros títulos dele: *Formas de voltar para casa* e *A vida secreta das árvores*. Esse livro andava sobre a mesa da Jana, o projeto gráfico é lindo e tem uma insinuação de um livro destacado, me inspirou para o projeto gráfico disso que escrevemos desse texto no centro da página que sai. Nele, os dois personagens principais, dois jovens que se conhecem durante a universidade e começam a ter uma relação afetiva mentem um para o outro já terem lido *Em busca do tempo perdido* do Proust. (quando é que você mente?) A escrita dele tem fluxo de fala, muito rápida, como se despretensiosamente fosse contada uma história curta, banal e cotidiana, mais uma história entre tantas, e isso faz do romance algo tão próximo do que de fato é a vida, os desencontros, os dramas, as perdas, as mudanças.

O Lula Wanderley comentou comigo que na casa da Lygia haviam poucos livros e que ela adorava mesmo eram as novelas. Ela escreveu isso aqui para o Hélio em uma das cartas: *É por essa razão que gosto de novelas na televisão, nas quais as coisas nunca acabam de acontecer; é como a vida.*

Sobre o humor, concordo contigo, o “mundo” da arte anda sem humor, chato pra caralho.

Hoje não te mando fotos, mas esse áudio que segue em

anexo.

26 de julho. 11h50 da manhã. Praia de Caioba. Eu lendo e ela treinando chaco na beira mar.

retomo hoje dia 01/08

sobre trabalhovida (tenho vontade de escrever muitas palavras grudadas umas nas outras tem tanta coisa que é uma só outra coisa quando juntas, ou que não tem espaço)

eu você
trabalhovida
artistapesquisador

Falemos mais de arte.

Me dou conta que elaborar uma escrita sob os trabalhos implica desligarme de qualquer noção de cronologia que envolva as propostas e também de relações de causa e efeito geradas por aproximações temporais. Como algo distante no tempo é próximo no gesto?
Alguns processos vão e vem.

A escrita:

Tenho pensado sobre o processo de escrita. A escrita surge em *Hoje, só emergências* em um processo de negação da

imagem/fotografia. E a escrita me leva a uma ideia de desenho, o ato de escrever/inscrever, o gesto de inscrição me leva aos espelhos, me leva a inscrever o corpo nos espelhos, essa poderia ser uma primeira inscrita do corpo. Esse corpo inscrito é um corpo de uma situação performática.

Situação performática que não deu certo:

2011_eu nua diante da câmera, em pé sobre um lençol branco. Em cada ponta do lençol um tijolo. Ao lado de mim um balde cheio de recortes/palavras de jornal e outro balde cheio de tinta vermelha. Jogo o balde de tinta na cabeça, o vermelho escorre e vai tomando o corpo. Na sequência jogo as palavras/recortes do jornal sobre o corpo. Elas grudam. Eu então deito no lençol. Fica a marca do corpo e algumas palavras grudadas. Tudo é tão clichê. A ação não funciona. Mas fica a imagem do contorno do corpo, e o estado de um corpo tomado pela tinta. Um olho que não consegue abrir. O meio dos dedos do pé grudando. Isso vira contorno de desenhos em espelhos.

Palavra / inscrever -> corpo inscrito (a partir de um corpo em situação de performance) Mecanismos de deslocamento de um corpo ordinário/cotidiano, geração de situações que autorizam a reelaboração do corpo, é um corpo deslocado de seu contexto cotidiano. Mas é um corpo cotidiano.

Tive um sonho, alguém me dizia:

Você não tem problemas estéticos. Sobre o que é de fato sua pesquisa? Você não tem pesquisa de linguagem.

Lista de incertezas/oscilações:

- nadar em alto mar
- trabalhovidaartepolítico
- instabilidade do corpo
- morar ou não com alguém
- escrever ou inscrever
- sob ou sobre

>

06h54, Montpellier

Desde seu último e-mail tantas coisas (me) passaram:

casei-me
adoeci
subi uma montanha
recebi presentes
tive dor de estômago
fui a um cassino
pensei em desistir
senti inveja
refiz meus planos
terminei um livro
comecei um outro

Estou cansado. Ontem conversamos um pouco sobre artevida, sobre o cansaço frente a esses editais e toda a burocracia que somos obrigados a viver diariamente e sobre a escrita.

Sinto-me cansado e com vontade de fazer tantas outras coisas. Desejo de aprender coisas novas.

de frente a uma montanha há sempre uma montanha
não há mais do que lamentar
escorre desejo tranquilo
era uma vez uma menina que de tanto cerrar os olhos para
desejar nunca mais conseguiu abri-los
era uma vez uma menina que esqueceu o endereço da sua

analista e resolveu ir para praia

De seu último e-mail guardo a lembrança dos balões murchos no chão e de uma situação performática que não deu certo.

Engraçado, mas estou há um bom tempo de frente ao computador e não consigo te responder. Talvez o que estamos tecendo não se trate de pergunta-resposta-pergunta.

Estamos nos encaminhando para um fim?

Puy Saint Vincent, França, 2015



Leio suas palavras e sinto vontade de chorar.

Se nos encaminhamos para um fim, é um fim de quê afinal?

Penso em não te responder e ficar por aqui com sua imagem da montanha, que é tão linda.

Sinto-me um corpomontanha.

Sinto-te um corpomontanha.

Ela que já era corpofala, paralisava. Paralisava até dormir. O *não, não faça, não toque* lhe provocava um ato de resistência. O corpo muralha era formado naquele instante, reação a uma voz que vinda de maior altura lhe forçava ser ereta. Era a fala do outro que acionava aquilo que começara conhecer como potência de um corpo. O que se pode contra alguém que no silêncio, na paralisia confrontante lhe devolve o não. A palavra entrando por dentro lhe conduzia ao sono e quem poderia interromper o sono de uma criança cansada?

Luana Navarro

Interessa-se por poéticas do corpo e questões políticas como dispositivo para criação artística. Desenvolve seus trabalhos a partir da fotografia, vídeo, performance, textos, leituras e publicações. Vê seu trabalho potencializado na relação entre arte e contexto. Tem parcerias com artistas de diversas áreas. www.luananavarro.com

Ronie Rodrigues

É Bacharel em Direção Teatral pela Faculdade de Artes do Paraná. Co-criador da Entretantas Conexão em Dança. Professor de francês, produtor, fritador de hamburguers e crepeiro no momento atual. Se interessa por burlescxs, por corpos, por literatura e por encontros. Tem achado a vida mais interessante que a arte.

Curitiba
Montpellier
2015

Edição dos autores
1ª impressão junho de 2016



